



AS ESTRATÉGIAS DE CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS NA OBRA SERINGAL: A ATUAÇÃO DO PROTAGONISTA TOINHO

Adriana de Sá Marques

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: asamarques@hotmail.com

Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: fatimamolina@unir.br

RESUMO

O presente artigo tem como escopo examinar as personagens e suas relações na obra Seringal, de Miguel Jeronimo Ferrante em consonância com a atuação do protagonista Toinho que se direcionam por meio das estratégias de construção desses agentes a partir de três predicados de base: desejo, comunicação e participação, conforme aborda o teórico Todorov. As ações de Toinho estão diretamente interligadas às personagens e ao espaço apresentados na tessitura da narrativa sucedendo em um desenlace intempestivo. Uma saga amazônica que retrata com propriedade as relações do seringueiro com o seringal em uma terra de leis bem específicas, comandadas pelo coronel Fábio de Alencar. Metodologicamente trata de uma pesquisa analítica crítica a partir da leitura da obra Seringal em paralelo às abordagens teóricas que discutem acerca das personagens. Fundamenta-se primordialmente nas concepções de Todorov (2001) referentes ao agrupamento de relações entre os personagens que resulta no sentido produzido por cada elemento na obra.

PALAVRAS-CHAVE: Análise da narrativa; Seringal; Amazônia; Literatura.

ABSTRACT

Abstract: The present article aims to examine the characters and their relationships in the work Seringal, by Miguel Jeronimo Ferrante in line with the performance of the protagonist Toinho who are directed through the strategies of construction of these agents from three basic predicates: desire, communication and participation, as the theorist Todorov approaches. Toinho's actions are directly linked to the characters and space presented in the narrative's composition, succeeding in an untimely denouement. An Amazonian saga that portrays with property the relations of the rubber tapper with the seringal in a land of very specific laws, commanded by Colonel Fábio de Alencar. Methodologically deals with a critical analytical research from the reading of the work Seringal in parallel to the theoretical approaches that discuss the issue. It is primarily based on todorov's conceptions (2001) referring to the grouping of relationships between the characters that results in the meaning produced by each element in the work.

KEYWORDS: Amazon; Literature; Rubber; Narrative analysis;

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por escopo analisar como as relações entre personagens e espaço na tessitura do romance *Seringal*, de Miguel Jeronymo Ferrante, determinam a atuação do protagonista Toinho direcionando-o a um desenlace trágico e abrupto, tendo em vista que, a princípio, o agente central tinha sua conduta apresentada pelo ser, que fora conduzida pelas descrições do narrador, todavia, no decorrer da narrativa, percebe-se que o parecer é o fio condutor de seus comportamentos, ao demonstrar ações auspícias resultantes em violência e desencantamento pelo lugar.

Sob esse aspecto, os predicados de base (desejo, comunicação e participação), facilitadores na análise da rede de envolvimento entre as personagens concebidos pelo teórico Todorov (2011), são uma das premissas que norteiam a investigação desses elementos, já que os referidos conceitos correspondem de forma congruente à tessitura da narrativa. Isto posto, o objetivo dessa pesquisa é demonstrar como o engajamento dos personagens e o espaço são os principais geradores de significados e condutores das atitudes e das ações, de maneira que os envolvem em um ambiente hostil determinando a consumação de inúmeras frustrações.

Destarte, por meio das abordagens da análise da narrativa defendidas, a princípio por Todorov (2011), somando-se às concepções de Yves Reuter (2004) e Bourneuf (1976), compreendemos que os vínculos têm uma função essencial para a estrutura da obra, pois não há arbitrariedade nas ações por estarem seguindo uma lógica que suscita a aparição de díspares entraves.

1 UM CONTEXTO DE ENCADEAMENTOS E DESENCANTAMENTOS NA OBRA DE MIGUEL FERRANTE: A ANÁLISE DOS PERSONAGENS

O romance *Seringal* desenrola-se no espaço da floresta amazônica durante o derradeiro Ciclo da Borracha, em 1940, no qual é apresentado um ambiente adverso e angustiante. É nesse território que o protagonista Toinho sofre precocemente a perda do pai, reconhece o local em seu significado ambivalente (segurança e desespero), vivencia seus amores e dissabores na adolescência e se vê como futuro trabalhador do seringal Santa Rita. Suas relações tanto com o

meio quanto com os seringueiros resultam em sentimentos intempestivos gerando conflitos interiores, é o desencantamento pelo lugar de origem.

A narrativa literária estrutura-se a partir das categorias responsáveis pela sua tessitura, dentre elas, a que será analisado com mais afinco neste artigo são as personagens a partir de suas relações com o ambiente seringal, gerador de frustrações entre elas. Esses agentes desempenham função relevante, pois “a personagem do romance (...) é um ser humano fictício com a sua forma de existir, de sentir, de ver os outros e o mundo.” (BOURNEUF, 1976, p.211). Dessa forma, uma vez que sua análise está focada na construção textual, são os signos linguísticos que possibilitam o reconhecimento das atribuições e ações geradoras de significados, as quais conduzem o fio do enredo. A personagem não deve ser concebida como a representação do homem e sim o produto do enredo e da estrutura específica do romance, conforme pontua BRAIT (1985). Segundo Candido (2018), a personagem é

uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade. Portanto, está sujeita, antes de mais nada, às leis de composição das palavras, à sua expansão em imagens, à sua articulação em sistemas expressivos coerentes (...). O entrosamento nesta é condição fundamental na configuração da personagem, porque a verdade de sua fisionomia e do seu modo-de-ser é fruto, menos da descrição, e mesmo da análise do seu ser isolado, que da concatenação da sua existência no contexto. (CANDIDO, 2018, p.78)

Dessa forma, as relações estabelecidas entre as personagens, seus gestos, suas palavras, seus modos de ser e de agir perante o outro expressam tanto sobre esse outro como sobre ela, aborda Bourneuf (1976). Há um narrador que constrói por meio de pistas, pelo detalhamento das ações o perfil das personagens que se movimentam na diegese a fim de representar o mundo que almeja transparecer, afirma Brait (1985).

As personagens do romance, refletem uma parte de si mesmas que somente é descoberta no contato com os outros agentes em uma determinada situação quando posta em evidência: “Cada ação pode primeiramente parecer amor, confiança, etc., mas pode em seguida revelar-se como uma relação totalmente diferente, de ódio, de oposição e assim sucessivamente.” (TODOROV, 2001, p. 234). A possível definição das ações das personagens se dá no desenrolar das ações, a partir da contínua interferência de outros elementos, sobretudo, outros personagens. Dessa forma, “a personagem não é posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras, por

relato de suas ações.” (BRAIT, 1985, p.55). Para cada ato desenvolvido é perceptível uma vereda de entrada à personalidade do agente que resulta nas suas expressões posteriores, pois nenhum deles é dissociado ao sujeito atuante.

Entre as abordagens que buscam conceituar as personagens em suas distintas funções destacam-se as categorias desenvolvidas por Greimas:

existiriam seis categorias de actantes participando de toda a narrativa definida como busca. Essas seis categorias se agrupariam duas a duas, segundo eixos fundamentais, para definir as condutas humanas. No primeiro eixo – o do desejo, do querer -, o sujeito procuraria se apoderar do objeto. No segundo – o do poder – o adjuvante e o oponente ajudam ou se opõem à realização da busca. No terceiro eixo – o do saber e da comunicação – o destinante e o destinatário determinam a ação do sujeito, encarregando-o da busca e designando os objetos de valor. (REUTER, 2002, p. 46).

Similar a essa abordagem, Todorov ressalta que “essas relações podem parecer muito diversas, por causa do grande número de personagens, mas percebe-se que é fácil reduzi-las a três apenas: desejo, comunicação e participação.” (TODOROV, 2001, p.231). São perspectivas que dão visibilidade à importância das ações que interligam as personagens no decorrer da narrativa, pois mostram a forma como é conduzida com o intuito de justificar cada ato dos agentes.

Ademais, o conceito de personagem também é defendido por Massaud Moisés, concebendo-as como planas e redondas por meio das seguintes características:

(...) as personagens planas não evoluem (por dentro), mas que se repetem, ao passo que as redondas somente nos dão ideia de sua identidade profunda quando, fechado o romance, verificamos que, através de tantas modificações, apenas deram expressão à multiforme personalidade que possuem: sua identidade não se manifestaria por meio de uma só faceta, mas quando fossem conhecidas todas as suas mutações possíveis. (MOISÉS, 2007, p. 113)

A partir dessa perspectiva é possível chegar a uma conclusão mais completa do resultado das ações de Toinho, já que sua personalidade é demonstrada aos poucos, conforme são apresentadas as relações com outros personagens e o ambiente do seringal Santa Rita. No início, o protagonista é apresentado como um adolescente tímido, “cria” do lugar, sem muitas expectativas de futuro, tendo em vista o ciclo vicioso de subordinação, renúncias e sacrifícios pela sobrevivência, conforme o excerto:

Agora, Toinho tem dezesseis anos. Já é homem. Breve estará numa “colocação”, indo e vindo toda a vida pela mesma exígua trilha de seringa, no ergástulo desalentador da mata, colhendo e defumando o látex para o coronel Fábio Alencar, até lhe fraquejarem as pernas, as doenças lhe minarem o organismo, a fumaça do urucuri lhe cegar os olhos. E morrer um dia como viveu, anonimamente, esquecido dos deuses e dos homens. (FERRANTE, 2007. p.21)

Diante das posições que os personagens ocupam na narrativa, Brémond ressalta que a função das personagens deve principiar das seguintes posições: “o paciente que é afetado pelo processo, o agente que inicia o processo, o influenciador que intervém anteriormente para criar o estado de espírito, a espera, a esperança ou os temores do agente ou do paciente.” (BRÉMOND apud REUTER, 2004, p.56). Partindo dessa concepção, na obra *Seringal*, Toinho assume as posições tanto de agente como de paciente dependendo das relações que são geradas entre os personagens e o ambiente inserido, é possível vê-lo agir sincronicamente, em razão de “quanto mais importante é a personagem, mais possibilidades ela tem de aparecer sozinha em certos momentos, mais oportunidades de encontrar numerosas outras personagens.” (REUTER, 2002, p.42-43). Essas intensas manifestações reproduzem a passividade e a atividade do protagonista em distintas etapas da narrativa.

Portanto, a priori, relacionaremos os efeitos de sentido gerados entre as personagens e o *seringal*, concomitantemente, seguiremos com a análise dos vínculos do protagonista que perpassará, inicialmente, aos três predicados de base – desejo, comunicação e participação, posto que na diegese são apresentados de maneira concisa os elementos da tríade abordada por Todorov.

2 SERINGAL: O AMBIENTE INFLUENCIADOR DAS AÇÕES DAS PERSONAGENS

Miguel Ferrante, em sua trajetória como escritor, redigiu três romances e *Seringal* foi o primeiro, publicado em 1972. O autor tinha afinidade com esse ambiente, pois toda a sua história de formação ocorreu na Amazônia, tendo em vista que nasceu em Rio Branco/AC, dessa forma conhecia a realidade dos seringais e acompanhou a formação das pequenas cidades ao seu redor. Os seringais eram uma terra de leis restritas aos moradores desse lugar, pois todo o poder estava centralizado na atuação dos seringalistas em função da total dependência dos

seringueiros para as suas sobrevivências. Nessa obra, são relatados os anseios e as inquietudes do pai de Toinho, seringueiro da colocação “Colibri”, por sentir-se prisioneiro do seringal:

Houve tempo, nem sabia quando, desejara abandonar a barraca, sair do seringal, tentar a vida na cidade ou na agricultura. Acalentara esse sonho longamente. Trabalhava como um animal, dia e noite, percorrendo as estradas de seringueiras, cortando as árvores, colhendo o leite, sentado à borda do defumador, ou quebrando os ouriços de castanha. Privara-se de muitas das poucas coisas de sua vida. Mas o pequeno saldo em mãos do patrão logo desaparecia numa doença, na compra de remédios, de uma rede, de um pedaço de pano. E recomeçava a ronda das fadigas e dos sacrifícios. [...] Os anos e as moléstias foram enterrando o sonho, quebrantando-lhe a vontade. E sair para onde? Ali, pelo menos, pensava, tinha um teto, um trabalho humilde. Cidade? Que iria fazer lá? Não sabia ler, não tinha profissão. [...] Agricultura? A terra custava dinheiro, estava acima de suas esperanças. (FERRANTE, 2007, p.23)

Toinho é o protagonista do romance, por isso sua vida esteve em evidência, bem como das personagens que se relacionam com ele e entremeiam-se em um ambiente enigmático, conforme é relatado no primeiro capítulo denominado “Na orla sombria da mata”, na passagem: “há na paisagem parada um tom de cinza de desolação e de angústia. O ar mobilizado. Nem uma asa, a mais ligeira brisa. Tudo estático, a morrer brutalizado pelo calor asfíxiante, sob a cúpula do céu.” (FERRANTE, 2007, p. 13). A descrição desse cenário horrendo vincula-se ao cotidiano das personagens. Assim como a vegetação retratava características de pessimismo e amarguras, é perceptível no agir deles a influência do lugar. O detalhamento do espaço e as minúcias do ambiente são especificados por sentenças marcantes como: “o inferno dos igapós”; “a floresta diabolicamente verde... avançando dominadora, enfurecida” (p. 23). Por meio desses qualificadores, os sujeitos são construídos e possibilitam revelar a proporção apropriada por cada um no decorrer da narrativa. O autor identificou de forma singular os sentimentos mais arraigados nos seringueiros que viveram nesse universo de hostilidade e dissabores, dessa forma, inferimos que “a rede de relações a que pertence a personagem romanesca estende-se também aos lugares e aos objetos.” (BOURNEUF, 1976, p.201) A natureza é geradora de vínculos carregados de intensas sensações. “Em lugar de ser um monstro malfazejo ou um obstáculo à felicidade humana, o universo das coisas pode também vibrar no mesmo diapasão que a personagem. [...] A emoção torna-se paisagem e a paisagem nasce da emoção” (BOURNEUF, 1976, p.206). Há um amálgama de significados, visto que a paisagem torna o ambiente um difusor de sensações adversas, principalmente de forma negativa. Conforme é apresentado o personagem Mané Lopes, é perceptível essa fusão de emoções:

A solidão torturante dos “centros”, contudo, imprimira-lhe, indelével, o estado psicológico que caracteriza o seringueiro. É gente calada, ensimesmada, exteriormente indiferença e apatia. Por trás, no entanto, daquela frieza, daquela máscara impassível, a alma se incendia facilmente nas chamas dos sentimentos despertados, que irrompem, de súbito, aos borbotões, em catadupas. O ódio ou o amor que lhe torturam o coração espantam já na plenitude de sua fase, que de leve lhes suspeite a existência. A alegria vem-lhe cansada, em gargalhadas ruidosas e sem vibrações, e logo sucedem o mutismo e a indiferença. (FERRANTE, 2007, p.47)

Os lugares nas narrativas exercem distintas atribuições possibilitando a descrição dos personagens, de acordo com Reuter, a função do espaço pode ser a de “facilitar ou dificultar a ação [...], as desordens tomam formas diferentes [...], elas mesmas se tornam auxiliares ou opositoras” (2002, p.55). Os ambientes estruturam-se de forma regular com o intuito de gerar significados. “Estes lugares se organizam, formam sistemas e produzem sentido. Frequentemente eles delimitam os campos das personagens: lugares reservados a umas e a outras, lugares comuns e lugares de passagem.” (REUTER, 2004, p.60). O seringal Santa Rita é um lugar ambivalente para os agentes da narrativa, enquanto alguns são totalmente hostilizados por esse ambiente, embrutecendo-os a tal ponto de apresentarem características animais como se estivessem incrustados e originados dali, outros sentem-se transformados e revigorados ao entrarem em contato com a natureza que os cercam. Sendo assim, há a humanização e a desumanização simultaneamente, por muitas vezes, no mesmo personagem, como é o caso de Toinho, o protagonista do romance. Nesse sentido, Brait afirma que:

A composição do espaço, o desenho do ambiente, a caracterização da postura física da personagem e a utilização do discurso indireto livre para expressar os pensamentos e as emoções dessa criatura combinam-se de forma harmônica, construindo progressivamente o saber da personagem e do leitor. (BRAIT, 1985, p. 55)

O agente central da narrativa é caracterizado pelo vínculo com o ambiente que o cerca, em um dado momento sente-se seguro, parte do meio e livre por pertencer àquele lugar, como é descrito no capítulo VII: “a floresta infunde-lhe sensação de segurança e bem-estar. Sente-se nela como no seu ambiente natural, livre e feliz, protegido e amparado na sua solidão, alma embevecida na fruição daquela beleza selvagem.” (FERRANTE, 2007, p.45). Era uma liberdade arдил que somente lhe causava a sensação de paz ao chegar no Santa Rita ainda criança “passa o tempo a passarinhar pelos campos, armado de baladeira, ou se queda à beira do rio, na calma frescura das águas sombreadas pelas oiranas preguiçosas, horas e horas” (2007, p.45).

Em virtude dessa posição, ele aproveitava a ociosidade para desbravar o seringal e suas belezas, mesmo diante da hostilidade, como também auxiliava em algumas atividades no armazém onde trabalhava Mané Lopes.

Ainda com relação ao aspecto positivo infundido em Toinho, a narrativa revela que, embora sendo um local disforme, existiam casas consideradas lar, como, por exemplo a barraca de Mané Lopes e Margarida: “vista do barracão, parecia pendurada ao muro ousado da floresta, um feio borrão num quadro rico de cores, farto de vida... De paxiúba e palha, acanhada, insignificante. Nela, porém, o menino sentia-se bem, como em sua própria casa” (FERRANTE, 2007, p.46-47). Era na barraca do casal que Toinho podia relembrar o amor de seus pais. O casal que não tinha filhos o adotou e demonstrava alegria pela presença do garoto, amenizando a dor precoce da perda paternal.

No entanto, após alguns entraves e injustiças decorridos no Seringal, sobretudo o estupro de sua enamorada Paula, realizado por Carlinhos, afilhado do coronel Fábio Alencar, bem como as mortes de dois seringueiros e os impasses ao tentar ajudar Paula, modificaram a forma de Toinho interagir com o espaço, revelando uma personalidade revoltada diante do mundo que o cerca, conforme descreve o excerto:

O menino parece um animal acuado, perdido na aflição, como se alguma coisa se quebrasse dentro dele e a mente se esfarelasse nas engrenagens do pavor. Uma vontade desvairada de gritar, de lançar-se às águas brilhantes do Aquir, de desaparecer. E os sentidos turvados, semiconscientes, a prendê-lo aos farrapos da realidade, a adverti-lo do perigo, a impeli-lo em busca de auxílio. (FERRANTE, 2007, p.141)

Como uma forma de libertar-se dos conflitos que o aflige, Toinho, de forma súbita, atinge o coronel Fábio com um tiro e foge rapidamente para não ser castigado. “Este detalhe não é devido ao acaso, como se poderia crer: a história inteira não se justifica, com efeito, senão na medida em que existe uma punição do mal pintada no romance.” (BARTHES, 2001, p. 261) As injustiças foram descritas pelo narrador de forma detalhada, após Toinho ultrapassar seus limites, conforme descreve a passagem:

Do fundo do passado, emergiam as vozes monótonas dos seringueiros, entoando o bendito dos mortos no enterro do pai. A rede balouçando ao ritmo
Revista Igarapé. Porto Velho (RO). V.12, N. 4, p. 1-15, 2019

cadenciado dos passos dos carregadores. O som cavo da terra caindo sobre o corpo sepultado sem caixão. Os olhos de Paula a fitá-lo, verdes e mansos, por entre as sombras da morte. A filha de Amâncio Pires exibindo o corpinho impúbere no submundo do Papouco. E a visão perturbadora de Chico Xavier, amarrado ao mourão, as bocas feridas proferindo palavras de sangue... Preso no emaranhado das ideias torturantes, sentia-se como um cão que a onça persegue. (FERRANTE, 2007, p. 162)

O enfrentamento da personagem em relação à sua fúria momentânea, surgiu do temor de seu padrinho e por não aceitar a condução deste na resolução dos problemas manifestados. Durante a sua fuga, provou da genuína liberdade:

[...] já não viam a terra sepultada em trevas. (...) só, diante de si mesmo, sentiu-se invadido por uma quietude imensa, o coração libertado das correntes do medo, despojado das angústias da vida... como se nele se fundisse todo o sofrimento dos seringais.” (FERRANTE, 2007, p. 163)

Assim, o seringal Santa Rita, por meio da atmosfera apresentada pelo narrador, gerou intensas e instigantes ações, tendo em vista que, a princípio Toinho sentia-se totalmente livre e seguro naquele ambiente despertando-lhe o anseio de permanecer até o fim de sua existência, no entanto, as ações do coronel Fábio o conduziu a um novo olhar gerando indignação, pois “a paisagem não é apenas, ali, um estado de alma; ela ilumina a vida inconsciente do protagonista.” (BOURNEUF, 1976, p.209). E essa vida fora dilacerada por sentimentos de fúrias imbatíveis a ponto de conduzi-lo a um final trágico, mas emancipador.

3 A SAGA AMAZÔNICA DO TOINHO: UMA REDE DE RELAÇÕES NO MEIO DO SERINGAL

É na relação com as personagens que Toinho revela sua identidade, desvelando temores, amores e sonhos advindos dos encontros e diálogos. Demonstra desejo em sair daquele lugar para vivenciar outras experiências e isso se dá devido à convivência com seu Cazuza que o envolve nas histórias de suas andanças pelo mundo. Além de seu Cazuza, o guarda-livros, há também Paula, seu primeiro amor, são os olhos verdes que lhe fazem lembrar do mar, segundo a caracterização da fala de seu amigo. Entretanto, ao mesmo tempo que busca compreender,

similarmente, renuncia sentimentos vindouros, devido ao receio do novo e a encontros que geram sentimentos negativos, principalmente de vingança, dentre eles, destacam-se coronel Fábio de Alencar e Carlinhos.

Segundo Todorov (2001), há três predicados de base que permeiam as relações entre os personagens: o desejo, a comunicação e a participação, sendo respectivamente a vontade de concretizar algo, a confiança do desejo e o auxílio de outras personagens para que se torne realidade. Assim, no protagonista Toinho, percebemos que há um sonho almejado: sair do Seringal e da propensa vida hostil: “Sonha com Rio Branco. A capital. De lá, falam coisas e tocam músicas que ouve à noite no rádio do barracão” (FERRANTE, 2007, p.52). Os encontros com o guarda-livros o conduziram a um novo olhar, e os incentivaram a aprender a ler, de forma que começou a frequentar as aulas da professora Joana, porém o tratamento hostil da professora gerou decepções e desistência:

Toinho lembrava-se daquela aflição de perguntas e pancadas. E dos outros castigos de dona Joana: ficar de joelhos sobre grãos de milho, ou com uma cadeira na cabeça, um tempão, em frente da escola. Acabara desistindo de aprender. Sem estímulo. Com rancor da professora que lhe batia na cabeça com régua e lhe espcava as mãos com a palmatória. Como ninguém se importava com ele, deixou de frequentar as aulas. (FERRANTE, 2007, p.51- 52)

Nesse momento, Toinho realizara a confiança de seus sonhos e o desejo de conquistar novos horizontes. Fora em busca da concretização, pois ao confidenciar seu desejo, houve um estímulo, “de fato, este predicado está presente mais frequentemente do que se pensa, embora permaneça latente: o perigo de se fazer conhecer pelas pessoas determina uma grande parte dos atos de quase todos os personagens.” (BARTHES, 2001, p. 233) Como afirma Barthes, é no decorrer das confidências de Toinho que somos conduzidos à genuína identidade do protagonista, interligando suas ações ao desfecho da narrativa, tendo em vista que suas confidências, mesmo gerando um novo olhar, também resultaram em inúmeras frustrações,

Contudo, ali no escritório, ouvindo seu Cazuzo, reacendia-lhe o desejo de aprender. Arquitetava planos, formava propósitos. A boa intenção desaparecia, porém, quando de lá saía. Longe da influência do guarda-livros, a lembrança da palmatória de dona Joana arrefecia-lhe o entusiasmo. Parecia ouvir a velha a dizer-lhe, com a voz rouquenha, enquanto o espancava:
-Tu é um peste! Não adianta. Quem nasce para cangalha, não pega sela.
(FERRANTE, 2007, p.51- 52)

Suas confidências também são relatadas ao personagem Mané Lopes, todavia, distintamente de seu Cazuzu, ele busca trazê-lo à realidade e não o incentiva à busca por novos caminhos: “- Olha, filho, não carece pensar. Trabalha. Véve tua vida. Sempre que seringueiro se arvora em pensador, e quer fazer coisas diferentes, acaba maldito.” (2007,p.90). São esses dois acontecimentos que fazem Toinho titubear acerca de seus desejos, enquanto o guarda-livros lhe desperta a imaginação, a professora e Mané Lopes demonstram a insignificância de sua existência e à sorte que já está lançada em sua vida: perpetuar o ciclo dos seringueiros.

É no encontro com Paula que se acende a vontade de sair do seringal Santa Rita e levá-la para longe dos suplícios daquele lugar, em seus encontros confia à moça o seu desejo: “- Quando eu ficar homem, vou descer o rio para ver as cidades perto do mar. Uma ponta de tristeza sombreava a voz dela: - E vai esquecer da gente? – Esquecer como, se tu vai também...” (2007, p.54). Tudo parecia perfeito até que surge um novo personagem: Carlinhos. “Toda nova personagem significa uma nova intriga.” (TODOROV, 1939, p. 123) E, assim, Toinho atormentou-se com a presença do novo personagem: “O instinto farejou o perigo e pôs-lhe o espírito em guarda contra o rapaz bem-apegoado [...], a rondar a barraca de Paula.” (2007, p.61).

A partir do surgimento dessa nova personagem, começa a despertar o lado animalesco de Toinho. A sua única vontade é de matar o jovem rapaz: “Imaginava-se na espera, a tocar o rapaz. A mão firme apertando o gatilho da .22 na pontaria certa. O chumbo se espalhando e o corpo ensanguentado a estrebuchar sobre a terra. (FERRANTE, 2007, p.61). Toinho pressentira o perigo, pois Carlinhos estuprou Paula, o que gerou diversos conflitos em sua mente, relatados pelo narrador, já que, é um personagem de poucas falas.

Em Seringal (2007), há um narrador câmera, é ele quem vai descortinando as formas que materializam a personagem, pois mostra as ações que traçam sua personalidade por meio dos sentimentos e pensamentos (BRAIT, 1985, p.54 - 55). Toinho inicia seu processo de desencantamento daquele lugar, conforme revelam suas atitudes. Se no início o menino apresentava um eu tranquilo, tímido e sonhador, a vida no seringal desvela um rapaz que anseia por vingança. Dessa forma, começamos a perceber um novo rumo que se envereda a narrativa:

Se se situar num gráfico os pontos da narrativa em que a tensão aumenta – pela chegada de uma personagem nova, por acontecimento carregado de consequências, a ameaça de um perigo, de um conflito, um acto brutal – e os

momentos em que essa tensão se distende – pelo escoar de um lapso de tempo vazio, a intervenção de factores que poderão regular o conflito -, a curva dramática obtida apresentará um perfil bastante variável: linha tendendo para a horizontal, com ligeiros bojos, ou então linha quebrada, onde alternam covas e cumes muito acentuados (BOURNEUF, 1976, p.55).

É a partir dos sucessivos acontecimentos de injustiça que Toinho é considerado uma personagem redonda, pois Toinho “dava-nos o próprio “ser”, e não somente o “parecer”. Mas, [...] repentinamente, privados de saber com certeza, somos privados de ser e devemos sozinhos tentar adivinhá-los através do parecer.” (BARTHES, 2001, p. 259) Assim, o que, a princípio seria uma personagem plana, sem muitas mudanças – linear, despontam ações, apresentadas pelo narrador câmara que parecem conduzir ao desenlace final. Toinho está titubeando em permanecer calado e enfrentar o coronel Fábio – causador de todas as injustiças no decorrer da narrativa, dentre elas, o acobertamento do estupro realizado pelo afilhado Carlinhos, os pensamentos negativos sempre o rodeavam:

Sentira-se de súbito mal. Não do corpo. Um mal íntimo, vago, a morder-lhe as entranhas, a perturbar-lhe a mente. Uma irritabilidade a queimar-lhe a pele, um sentimento de desamparo revolvendo-o num mar de inquietações. Pensou em Paula. Os olhos verdes, doridos, a fixa-lo do limiar da morte, aguçaram-lhe a angústia. (FERRANTE, 2007, p. 140)

Ao analisarmos as ações de Toinho, percebemos o quanto a convivência no seringal era degradante. Privado de educação e do convívio com a sociedade as leis de sobrevivência nesse espaço transformam o homem em um animal. Esse tratamento se revela, por exemplo, na forma como Toinho é apresentado: “É uma “cria”. Como um cão. Um gato. Um animal enjeitado. Não lhe perguntavam aonde vai ou o que faz. [...] É só, sem carinho, esperando crescer para trabalhar na colocação” (2007, p.45). São as atitudes animais que vão prevalecendo. Toinho, já não se sentia parte daquele lugar, o desejo de vingança, bem como, de fuga, ficara mais latente diante das sucessivas injustiças:

Às mãos do seringueiro, sucumbira Pedro Câmara; vítima da luxúria do Carlinhos Paula morria aos poucos, na bruma da loucura. (...) O coronel concordara com a vingança contra Chico Xavier. Acumpliciara-se, também, com o matador. Garantira-lhe a liberdade. Mas fizera vistas grossas diante do crime do afilhado. O seringueiro pagara a dívida na ponta da faca justiceira. O outro exibia, tranquilamente, a impunidade. Essas coisas parassaram-lhe pela cabeça, desordenadamente (...). (FERRANTE, 2007, p. 90)

A sucessão de pensamentos vingativos de Toinho não é aleatória, relaciona-se com o desfecho impremeditado. Os conflitos gerados pela ação de outros personagens despertam o desejo de fuga daquele lugar que outrora representava segurança e abrigo. “Tem-se antes a impressão de que a narrativa inteira consiste na possibilidade de conduzir precisamente a este desenlace.” (BARTHES, 2001, p. 261) Mesmo que no início parecia ser somente uma narrativa de histórias repetitivas, um ciclo vicioso de dependência do seringueiro ao seringalista, Toinho, por meio de seus pensamentos, quebraria esse ciclo de forma súbita.

Destarte, todas as personagens relacionam-se com Toinho a fim de que se chegue a um escopo, pois a rede de relações desempenha uma função crucial para a tessitura narrativa. Enquanto seu Cazusa e Paula os motivam à busca de uma nova realidade, saindo da dependência do seringalista, o coronel Fábio Alencar, Mané Lopes e Carlinhos o conduzem ao desencantamento do lugar, aos sentimentos de vingança e ao inconformismo de que jamais haverá a ruptura desse ciclo. É no desfecho do enredo que Toinho sua personalidade de ruptura que quebra o ciclo de opressão criado pelo coronel nos domínios do seringal Santa Rita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de personagens na tessitura narrativa perpassa pela perspectiva de um narrador. Na obra *Seringal*, de Miguel Ferrante, o protagonista Toinho é revelado a partir das descrições desse elemento, bem como de suas relações com os personagens. São os acontecimentos e as características apresentadas respeito de cada um que possibilitam a construção da personalidade de Toinho.

Há ainda um fator significativo: o ambiente vivenciado pelo protagonista. Essa relação denota extremidades opostas, pois simultaneamente Toinho é considerado um animal pertencente aquele lugar, sentindo-se seguro, também transforma-se em uma fera aprisionada que almeja fugir e encontrar seu verdadeiro lar.

As relações de opressão geradas entre o espaço do seringal e o homem configuram a construção do personagem Toinho, um rapaz que mesmo vivendo em um mundo totalmente opressor, não se permitiu permanecer na inércia. Por muitas vezes se submeteu ao sistema opressor do seringal, representado pelo domínio do coronel, porém viu a possibilidade de se



libertar vingando-se contra quem retirou de sua vida a esperança de ser feliz pelos caminhos do amor.

Referências

- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. **O universo do romance**. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CANDIDO, Antoinio... [et. al.]. **A peronagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- FERRANTE, Miguel. **Seringal**. São Paulo: Globo, 2007.
- MASSAUD, Moisés. **A análise literária**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland, [et al]. **Análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa. 7ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 218-264.